

I JOÃO: QUEM AMA NASCEU DE DEUS E CONHECE A DEUS (1)

Não existe consenso em relação ao modo como esta carta está organizada. Cada estudioso tem os seus critérios para examinar o texto, apresentando dessa forma uma organização que lhe pareça razoável. Alguns, por exemplo, acreditam que 1 João seja uma coleção de 5 a 9 trechos de homilias reunidos em forma de carta. Outros sustentam que 1 João seria a fusão de duas cartas, que antes existiam separadamente. Outros, ainda, olhando-a no seu conjunto, percebem que ela está organizada nos mesmos moldes que o Evangelho de João, ou seja, com prólogo, epílogo e duas partes centrais. As propostas são muitas. O que pensar disso? Longe de pretender um consenso, o importante aqui é a praticidade. Se a proposta de uma organização ajuda a compreender melhor a mensagem da carta, deveríamos dar-nos por satisfeitos. Assim sendo, a organização que apresentamos a seguir não é nova nem é a única.

1,1-4: Introdução

1,5-2,28: Primeira parte: Caminhar na luz

1,5-7: Introdução

1,8-2,2: Primeiro passo: Reconhecer-se pecador

2,3-11: Segundo passo: Amar

2,12-17: Terceiro passo: Não amar o "mundo"

2,18-28: Quarto passo: Cuidado com os Anticristos

2,29-4,6: Segunda parte: Viver como filhos de Deus

2,29-3,2: Introdução

3,3-10: Primeiro passo: Romper com o pecado

3,11-24: Segundo passo: Amar

4,1-6: Terceiro passo: Os Anticristos pertencem ao "mundo"

4,7-5,13: Terceira parte: Amor e fé

4,7-5,4: O amor

5,5-13: A fé

5,14-21: Conclusão

Olhando para esta organização, descobrimos um fenômeno típico dos textos joaninos, ou seja, a retomada de temas que vão sendo aprofundados, ampliados e às vezes até ligeiramente modificados. É o que acontece, por exemplo, na segunda parte, em que os temas da primeira são retomados. Esse caráter repetitivo é típico do Evangelho de João, do Apocalipse e desta carta. Por isso alguns estudiosos propõem a imagem de uma escada em caracol. Para percorrê-la giramos constantemente em torno de um eixo. Qual seria esse eixo para 1 João? Basta recordar os quatro níveis de conflitos apresentados anteriormente. Esse modo de argumentar, típico dos textos joaninos, pode ser apresentado também sob outra imagem. Suponhamos que os quatro níveis de conflitos sejam quatro grandes maços de flores, cada um com flores de uma cor: brancas, vermelhas, amarelas etc. Cada trecho de 1 João é um arranjo em que predominam flores de uma cor, mas ao mesmo tempo estão presentes, de forma menos intensa, flores de outras cores. Assim sendo, encontramos constantes repetições e retomadas de temas ao longo desta carta.

Neste estudo procuraremos mostrar o eixo central ou a cor predominante de cada trecho, sem nos prendermos a todos os detalhes que os temas secundários podem suscitar.

Introdução (1,1 - 4): A experiência da Vida

Aquilo que existia desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos e o que nossas mãos apalparam: - falamos da Palavra, que é a Vida. Porque a Vida se manifestou, nós a vimos, dela damos testemunho, e lhes anunciamos a Vida Eterna. Ela estava voltada para o Pai e se manifestou a nós. Isso que vimos e ouvimos, nós agora o anunciamos a vocês, para que vocês estejam em comunhão conosco. E a nossa comunhão é com o Pai e com o seu Filho Jesus Cristo. Essas coisas escrevemos para vocês, a fim de que a nossa alegria seja completa.

A carta começa praticamente como o Evangelho de João, recordando também o início da Bíblia (Gênesis 1,1). Retoma uma das

características do Jesus joanino, Palavra que existia junto de Deus antes que o mundo fosse criado. Desenvolve uma frase importante do prólogo de João: "Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens" (João 1,4). Percebe-se, por trás dessa introdução, uma tentativa de responder ao primeiro nível de conflitos apresentados anteriormente. Os Anticristos negavam a encarnação de Jesus. A carta começa convocando os sentidos (audição, visão e tato) para testemunhar Jesus. Jesus pôde ser escutado, visto, contemplado e tocado. Há uma seqüência ininterrupta entre o Pai, o Filho, os que estiveram com Jesus e as comunidades que estes fundaram, e essa seqüência é chamada de comunhão, que gera alegria completa.

Esta introdução afirma com força que a Palavra, desde sempre voltada para o Pai, historicamente encarnou-se em Jesus e se deu a conhecer à humanidade. Este é o conteúdo do anúncio feito pela carta. Jesus, portanto, não é uma miragem ou sombra, mas uma pessoa concreta, Vida manifestada para todos. Aquilo que parecia impossível para a cultura grega, ou seja, que a divindade se encarnasse, é a suprema revelação do Evangelho de João e desta carta.

Assim como o prólogo de João (1,1-18) é a síntese do Evangelho de João, do mesmo modo esta introdução é um resumo de toda a carta. Nela, de alguma forma, poderemos novamente ouvir, ver, contemplar e apalpar aquele que existia desde o princípio, ou seja, experimentar a Vida.

Primeira parte (1,5-2,28): Caminhar na luz

3.1. Introdução (1,5-7): Deus é luz

Esta é a mensagem que dele ouvimos e que agora lhes anunciamos: Deus é luz e nele não há trevas. Se dizemos que estamos em comunhão com Deus e no entanto andamos em trevas, somos mentirosos e não pomos em prática a Verdade. Mas, se caminhamos na luz, como Deus está na luz, estamos em comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus, o Filho de Deus, nos purifica de todo pecado.

O tema da comunhão entre o Pai e o Filho, já apresentado anteriormente, é retomado. Acrescenta-se aqui a oposição entre luz e trevas, típica do Evangelho de João (1,4-5). Luz é sinônimo de vida, e trevas são todas as realidades que se opõem à vida. Além disso, no Evangelho de João, luz é um dos títulos importantes de Jesus ("eu sou a luz do mundo": 8,12a). Claramente a carta afirma que Deus é luz e que nele não existem trevas. Em outras palavras, Deus é vida. Os Anticristos afirmavam estar em comunhão com Deus (1 João 1,6), e este representa o segundo nível de conflitos. Todavia, a prática deles desmentia sua união com Deus e seu compromisso com a vida. Por isso o autor os chama de mentirosos e pessoas que não praticam a Verdade, ou seja, na prática são infiéis ao projeto de Jesus, que é a vida. Caminhar na luz, portanto, apresenta duas dimensões importantes: estar unido a Deus e a Jesus, e estar em comunhão com a comunidade. Os Anticristos afirmavam a primeira coisa, mas negavam na prática a segunda. Para caminhar na luz, a carta apresenta quatro passos. O primeiro deles é reconhecer-se pecador.

3.2. Primeiro passo (1,8-2,2): Reconhecer-se pecador

Se dizemos que não temos pecado, enganamos a nós mesmos, e a Verdade não está em nós. Se reconhecemos os nossos pecados, Deus, que é fiel e justo, perdoará nossos pecados e nos purificará de toda injustiça. Se dizemos que nunca pecamos, estaremos afirmando que Deus é mentiroso, e a sua palavra não estará em nós. Meus filhinhos, eu lhes escrevo tais coisas para que vocês não pequem. Entretanto, se alguém pecou, temos um advogado junto do Pai: Jesus Cristo, o justo. Ele é a vítima de expiação pelos nossos pecados; e não só os nossos, mas também os pecados do mundo inteiro.

O tema do pecado, já acenado no trecho anterior, aparece agora de forma insistente. Recorda o nível ético dos conflitos que geraram este texto. Os Anticristos, afirmando estar em comunhão plena com Deus, diziam também estar isentos de pecado. De fato, "pecado" no Evangelho de João é a adesão ao mundo das trevas, ou seja, estar comprometido com as injustiças que provocam a morte das pessoas. Recordemos, todavia, a ambigüidade das afirmações dos Anticristos. Por um lado acreditavam-se em comunhão com Deus, e por outro lado negavam isso com o descompromisso nas relações concretas. A carta afirma que considerar-se sem pecado é engano. É melhor reconhecer os próprios pecados para receber o perdão do Deus fiel e justo e a purificação de toda injustiça. Por trás da expressão "se dizemos" (1,8.10) estão as afirmações do grupo dissidente, e o autor da carta responde com energia, dizendo que considerar-se sem pecado é enganar-se e chamar a Deus de mentiroso.

Reconhecer-se pecador é o modo adequado para descobrir o novo rosto de Jesus. Ele é apresentado como aquele que "nos purifica de todo pecado" (1,7), "advogado junto do Pai" (2,1) e "vítima de expiação pelos nossos pecados" e "pelos pecados do mundo inteiro" (2,2). A temática da expiação pelos pecados não se encontra no Evangelho de João. O que temos aqui é provavelmente um desdobramento de João 1,29 (o Cordeiro que tira o pecado do mundo), sob a influência de outros textos, como os evangelhos sinópticos, cartas de Paulo e Hebreus. Essa influência está estritamente relacionada com uma visão litúrgico-sacramental. Se, como dissemos anteriormente, as comunidades joaninas se caracterizavam pela ausência de

sacramentos, aqui percebemos claramente como estamos num estágio posterior, em que a influência das comunidades hierarquizadas já estava ocorrendo nas comunidades joaninas a ponto de introduzir nelas os sacramentos.

3.3. Segundo passo (2,3-11): Amar

Para sabermos se conhecemos a Deus, basta ver se cumprimos os seus mandamentos. Quem diz que conhece a Deus, mas não cumpre os seus mandamentos, é mentiroso, e a Verdade não está nele. Por outro lado, o amor de Deus se realiza de fato em quem observa a Palavra de Deus. É assim que reconhecemos que estamos com ele: quem diz que está com Deus deve comportar-se como Jesus se comportou. Caríssimos, não lhes comunico um mandamento novo, mas o mandamento antigo, esse mesmo que vocês receberam desde o princípio. O mandamento antigo é a palavra que vocês ouviram. E, no entanto, o mandamento que lhes comunico é novo -pois ele é verdadeiro em Jesus e em vocês porque as trevas já estão se afastando, e a verdadeira luz já está brilhando. Quem afirma que está na luz, mas odeia o seu irmão, ainda está nas trevas. Quem ama o seu irmão permanece na luz, e nele não há ocasião de tropeço. Ao contrário, quem odeia o seu irmão está nas trevas: caminha nas trevas e não sabe aonde vai, porque as trevas lhe cegaram os olhos.

Esse trecho também responde ao segundo nível de conflitos vistos anteriormente. Em outras palavras, o autor da carta contesta as afirmações dos Anticristos que diziam conhecer a Deus, mas não cumpriam o mandamento do amor; afirmavam estar na luz mas odiavam seu irmão. A carta os chama de mentirosos, distantes da verdade e envolvidos em trevas. O tema central, portanto, é o amor ao próximo como consequência do conhecer a Deus e do estar na luz. Retornam, desse modo, temas secundários já abordados anteriormente (conhecer a Deus, estar na luz). Aprofunda-se também o mesmo tema já tocado em 2 João. O critério para saber se alguém está com Deus é o modo como Jesus agiu. E como Jesus agiu? O Evangelho de João responde de forma muito clara: "Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim" (13,1b). O amor de Jesus que dá a vida é, pois, o critério para saber se de fato conhecemos a Deus e se estamos na luz. Note-se que no único mandamento dado à comunidade Jesus insiste no amor que as pessoas devem umas às outras. Em outras palavras, Jesus não diz "Amem-me como eu amei vocês", mas "Amem-se uns aos outros, assim como eu amei vocês" (13,34). Isso é o que as comunidades joaninas aprenderam desde o princípio, e esta era a sua marca registrada: comunidades de iguais, em que o amor nutria todas as relações.

O amor era, portanto, o único sacramento da presença de Jesus Cristo na comunidade. As comunidades joaninas eram, como vimos, ousadas. Não precisavam de sacramentos porque o amor era o grande sacramento. Negar esse aspecto, como faziam os Anticristos, era eliminar pela raiz a identidade das comunidades joaninas. E por isso que o autor, de forma contundente, chama essas pessoas de mentirosas, comprometidas com as trevas e cegas.

Nota-se assim como as comunidades joaninas não perdem a própria identidade diante de uma realidade cultural diferente que as cercava. De fato, o gnosticismo presente naquela região afirmava, entre outras coisas, que conhecer a Deus é um processo mental, algo que se obtém com o esforço da razão e não com o compromisso do amor fraterno.

3.4. Terceiro passo (2,12-17): Não amar o "mundo"

Eu lhes escrevo, filhinhos, porque os pecados de vocês foram perdoados pelo poder do nome de Jesus. Eu lhes escrevo, pais, porque vocês conhecem aquele que existia desde o princípio. Eu lhes escrevo, jovens, porque vocês venceram o Maligno. Eu lhes escrevi, filhinhos, porque vocês conheceram o Pai. Eu lhes escrevi, pais, porque vocês conhecem aquele que existia desde o princípio. Eu lhes escrevi, jovens, porque vocês são fortes, e a palavra de Deus permanece em vocês e vocês venceram o Maligno. Não amem o mundo e nem o que há no mundo. Se alguém ama o mundo o amor do Pai não está nele. Pois tudo o que há no mundo - os apetites baixos, os olhos insaciáveis, a arrogância do dinheiro - são coisas que não vêm do Pai, mas do mundo. E o mundo passa com seus desejos insaciáveis. Mas quem faz a vontade de Deus permanece para sempre.

O tema central deste trecho é a ausência de relações entre a comunidade e o "mundo". Esta palavra, como dissemos na introdução, tem às vezes o significado negativo de sociedade injusta, não comprometida com a vida, em total oposição ao projeto de Deus. Já no Evangelho de João se dizia que Jesus não pertence a este "mundo", nem os discípulos (João 17,9.14). É este sentido negativo que encontramos aqui, e representa o único sinal de conflito externo que as comunidades joaninas ainda enfrentam. Para entender o alcance desse tema, é necessário recordar o que se dirá mais adiante, em 4,5. Aí se afirma que os Anticristos pertencem ao "mundo", falam a linguagem do "mundo" e o "mundo" os ouve. Existem portanto, nessas comunidades, pessoas que ideologicamente defendem os princípios do "mundo", seduzindo os fiéis, desencaminhando-os, fazendo-os amar o "mundo" e, conseqüentemente, abandonar o projeto de Deus. Em outras palavras, fazem o que se diz de Jezabel em Apocalipse 2,20b e o que se afirma dos Anticristos em 2 João 7. Ou seja, as comunidades joaninas são seduzidas a abandonar a própria identidade, abandonando o projeto de Deus e aderindo ao "mundo".

Antes disso, porém, o texto traz outros temas menores e que já apareceram anteriormente: pecados perdoados, conhecimento

da Palavra que existia desde o princípio, vitória sobre o Maligno, conhecimento do Pai (2,12-14). O autor apresenta esses temas de forma interessante, envolvendo em dois turnos três grupos: filhinhos, pais e jovens. No primeiro turno (2,12-13), afirma estar escrevendo no momento presente; no segundo (2,14), afirma ter já escrito. Para os filhinhos, o motivo é duplo: o perdão dos pecados e o conhecimento do Pai. Para os pais, o motivo é um só: o conhecimento da Palavra que existia desde o princípio. Para os jovens, os motivos são três: eles são fortes, a Palavra de Deus permanece neles e venceram o Maligno. O Maligno é algo muito próximo ao "mundo". De fato, mais adiante a carta diz que a fé é a força que vence o "mundo" (5,4). Esse mesmo "mundo" que o próprio Jesus, com sua morte e ressurreição, venceu (veja João 16,31). O que o autor pretendia dizer com esta mensagem aos filhinhos, pais e jovens? Temos aí provavelmente o retrato da militância cristã: perdão, conhecimento do Pai e do Filho, compromisso com a Palavra e vitória sobre o Maligno.

Daí a terceiro passo da carta: a orientação é para que os cristãos não amem o "mundo" nem o que há nele, pois amar o "mundo", nesse caso, seria trair a própria identidade e perder a capacidade de ser fermento de transformação na sociedade. De fato, o autor salienta três características do "mundo", que estão em contraste com a vida que vem do Pai: os apetites baixos, os olhos insaciáveis e a arrogância do dinheiro. Tem-se a impressão que quando essas coisas se tornam regra nas relações entre as pessoas, ninguém está a salvo, pois, como se costuma dizer, o homem se torna lobo para o próprio homem. Isso não tem nada a ver com a Vida Eterna que foi anunciada e que está presente em Jesus (ver 1,2).

3.5. Quarto passo (2,18-28): Cuidado com os Anticristos

Filhinhos, já chegou a última hora. Vocês não ouviram dizer que o Anticristo devia chegar? Pois vejam quantos anticristos já vieram! Daí reconhecemos que a última hora já chegou. Esses Anticristos saíram do meio de nós, mas não eram dos nossos. Se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco. Mas era preciso que ficasse claro que nem todos eram dos nossos.

Vocês, porém, receberam a unção que vem do Santo, de modo que todos vocês possuem a sabedoria. Eu lhes escrevi, não porque vocês ignoram a Verdade, mas porque a conhecem e sabem que da Verdade não saem mentiras. Quem é o mentiroso? É quem nega que Jesus é o Messias. Esse tal é o Anticristo, aquele que nega o Pai e o Filho. Todo aquele que nega o Filho, também nega o Pai. Quem reconhece o Filho, também reconhece o Pai. Quanto a vocês, tudo o que ouviram desde o princípio permaneça em vocês. Se permanecer em vocês tudo aquilo que ouviram desde o princípio, vocês também permanecerão no Filho e no Pai. Esta é a promessa que ele nos fez: a Vida eterna. Escrevi isso a vocês, por causa daqueles que procuram desencaminhá-los. Vocês receberam de Jesus a unção que permanece em vocês, e já não têm necessidade que alguém os ensine; pelo contrário, como a unção dele, que é verdadeira e não mentirosa, lhes ensina tudo aquilo que Jesus lhes tinha ensinado, permaneçam com ele.

Agora, portanto, filhinhos, permaneçam com Jesus; assim, quando ele se manifestar, nos sentiremos seguros, e não fracassados por estarmos longe dele no dia da sua Vinda.

O quarto passo refere-se aos Anticristos, tema já encontrado em 2 João 7. Toca-se também o terceiro nível de conflitos das comunidades, ou seja, a questão do julgamento e da última hora. O tema dos Anticristos está intimamente relacionado com o da última hora e com o permanecer. Em 2,17, o autor afirmou que quem faz a vontade de Deus permanece para sempre. Aqui, refere-se ao fato de os Anticristos terem abandonado as comunidades (2,19) e, conseqüentemente, não mais permanecerem em comunhão com elas. O aparecimento dos Anticristos marca a chegada da última hora, ou seja, que as comunidades entraram no final dos tempos.

O que fazem, no entanto, os Anticristos? É a primeira vez que a carta define quem é o Anticristo, ou seja, o mentiroso. É aquele que nega que Jesus é o Messias. Com a ajuda de 4,2, no entanto, descobrimos que não se trata simplesmente de negar que Jesus seja o Messias, mas de negar também a encarnação de Jesus Cristo. Negando esses dois aspectos, nega-se também o Pai. Aceitando esses dois aspectos, aceita-se também o Pai. Tudo leva a crer, como dissemos, que a influência dos Anticristos nas comunidades continuou forte, mesmo após a saída do grupo mencionado em 2,19. A carta fala de pessoas que procuram desencaminhar os fiéis, dizendo-se inspiradas, ou seja, afirmando possuírem a unção que vem do Santo, isto é, do Espírito. A carta não somente chama de mentiroso o Anticristo, mas também diz que a unção dos que negam Jesus encarnado não é unção verdadeira mas mentirosa. Há um apelo à sabedoria, ao discernimento. Que os cristãos decidam: é possível ser movido pelo Espírito que recorda as ações de Jesus e leva à verdade plena, e ao mesmo tempo negar que Jesus seja o Messias encarnado?

Como vimos, os Anticristos pensavam passar da morte para a vida sem julgamento. Esse tema, já dissemos, encaixa-se muito bem no Evangelho de João. Todavia, influenciada por Mateus 25,31-46, a carta se abre a uma nova perspectiva: haverá sim uma nova Vinda de Jesus, e tanto em Mateus quanto aqui, em 1 João 2,28, haverá então quem se sentirá seguro e quem se

sentirá fracassado por estar longe de Jesus.

1. Negar que Jesus se encarnou é uma grande sedução. Isso nos desobriga de qualquer compromisso transformador na realidade em que vivemos. Se Jesus não tivesse se encarnado, também nós não precisaríamos fazê-lo. Conversar sobre as conseqüências disso.
2. O que significa estar em comunhão com Deus?
3. Os Anticristos afirmavam: "Não temos pecado", "nunca pecamos". Quais seriam hoje as conseqüências de afirmações desse tipo?
4. A experiência de amar a Deus e estar na luz passa pela experiência de amar pessoas concretas. Comentar.
5. O que seria o "mundo" hoje?
6. O que significa vencer o Maligno?
7. O que acontece quando os cristãos amam o "mundo"?
8. O que produz mais efeito em longo prazo: o recurso à autoridade e ao poder, ou o apelo ao discernimento e ao bom senso?
9. No batismo todos fomos ungidos pelo Santo. Todavia, podem existir unções mentirosas. De que modo?
10. Se a Vinda acontecesse hoje, como nos sentiríamos: seguros ou fracassados?

(José Bortolini e Paulo Bazaglia, em "Como ler as Cartas de João", Editora Paulus)